

Anais XVII Semana de Psicologia da UEM e IX Seminário de
Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM
Saúde mental: as dimensões políticas da Psicologia – 24 a 27 de
outubro de 2016

Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

**A PERCEPÇÃO DO PSICÓLOGO SOBRE O USO DA EQUOTERAPIA NOS
PORTADORES DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA.**

Lucyanne de Souza Meira, (Unicesumar, Maringá - PR, Brasil); Aline Larrissa Trombini Fernandes (Unicesumar, Maringá - PR, Brasil); Ediely Ferreira Casagrande (Unicesumar, Maringá - PR, Brasil); Jackeline Baraldo Zampar (Unicesumar, Maringá - PR, Brasil); Paula Farineli de Souza (Unicesumar, Maringá - PR, Brasil); Marcos Paulo Shiozaki (Departamento de Psicologia – Unicesumar, Maringá – PR, Brasil.)

contato: prof.lucyanne@gmail.com

A Psicologia Contemporânea explora um campo de psicopatologias que estão atreladas ao contexto vivido e, por conta desse fato, mostra uma infinidade de questões complexas que envolvem uma única psicopatologia. Diante disso, pensou-se na questão do Transtorno do Espectro Autista pelo fato de ser pouco explorado em artigos e livros, apesar da relevância e da urgência de realizar um estudo sobre isso, já que esse transtorno gera no portador inúmeras dificuldades para enfrentar o dia a dia com normalidade. Portanto, a presente pesquisa consiste, primeiramente, em conhecer as características dos portadores dessa afecção, para relacioná-la, posteriormente, com a equoterapia, que vem ganhando um espaço cada vez mais expressivo como uma possibilidade terapêutica. Dessa forma, além de conhecer as características dos portadores, visou-se compreender a prática equoterápica, relacionar a equoterapia com o Transtorno do Espectro Autista e identificar a percepção de psicólogos sobre a importância da equoterapia no tratamento do autismo. No Brasil há algumas instituições que para ajudar tais portadores a se desenvolverem com mais naturalidade, praticam a técnica da equoterapia. Embora a prática equoterápica tenha sua importância reconhecida inclusive pelo Conselho Federal de Medicina como “método médico”, há pouquíssimo material escrito sobre o assunto.

Assim sendo, poderiam existir mais pesquisas que relacionem ambos os temas: o Transtorno do Espectro Autista e a equoterapia. Para tanto, surgiu essa temática de pesquisa, que visa entender a visão do psicólogo sobre o uso da equoterapia com os portadores do Transtorno do Espectro Autista. A partir do conhecimento das características psicomotoras de um portador e do funcionamento da prática equoterápica, será possível estabelecer uma relação entre ambos os temas, interligando a visão que o psicólogo tem sobre essa parceria. A presente pesquisa está dividida nas seguintes etapas:

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM
Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

a primeira parte remete as características e os sintomas do Transtorno do Espectro Autista em geral, e sua identificação inicial pelos pais. Os primeiros sintomas que podem ser perceptíveis aos pais em seus filhos ainda bebês, de acordo com Klin (2006) sempre ocorrem antes dos 3 anos de idade; quando apresentam ausência de atenção compartilhada, de atividade gestual e de expressões emocionais. É fato que somente isso não é suficiente para se fechar um diagnóstico, porém são úteis para o levantamento das primeiras suspeitas. O diagnóstico em si, ocorre normalmente após os 6 anos de idade. (ZANNON, BACKES E BOSSA, 2014). O que dificulta bastante um diagnóstico precoce é a diversidade de sintomas entre os próprios portadores, devido ao grau apresentado. Os sintomas bem comuns são distúrbios no desenvolvimento sócio comunicativo (aversão, ansiedade ou medo, do contato com outras pessoas), déficit na atenção concentrada (comprometendo a linguagem oral), distúrbios comportamentais graves, como agressividade, sensibilidade anormal aos estímulos sensoriais, e até automutilação. Também é comum a presença de maneirismos estereotipados e repetitivos, como abanar a mão, ou balançar todo o corpo. É de extrema importância a aceitação da família frente à um diagnóstico de autismo, para que se inicie uma intervenção educacional especializada o mais rapidamente possível. As pesquisas apontam que já faz mais de 70 anos que começaram a pesquisar e escrever sobre o assunto, porém o autismo ainda é pouco conhecido entre a população em geral. A segunda etapa da atual pesquisa, contemplará de modo geral como acontece a efetivação da equoterapia. Tal prática está permeada de peculiaridades como sua abordagem interdisciplinar, dando ênfase aos profissionais de psicologia, fisioterapia, fonoaudiologia, equitação, educação física entre outros, os quais são parte ativa durante um programa de atendimento equoterápico que tem como escopo favorecer, através do contato com o animal, a reintegração social, possibilitando também a criação de novas formas de comunicação, autoestima e autoconfiança. Por meio da interdisciplinaridade deseja-se alcançar um desenvolvimento integrado das diversas funções: motora, cognitiva, psicossocial, entre outras. Trabalhar a técnica com o animal, cavalo, é primordial devido aos seus movimentos tridimensionais, e o alinhamento com o centro gravitacional ao estar em cima dele, entre outros fatores, estimulam o sistema nervoso, melhoram o equilíbrio, o tônus muscular, a coordenação motora e assim por diante. O cavalo em si, também precisa ter determinadas características, pois cavalos que passaram por traumas ou domas violentas, podem trazer

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM
Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

resultados negativos para o processo terapêutico. Assim, são escolhidos cavalos que tenham andamento de trote, com passo rítmico e cadenciado; devem apresentar ainda aprumos regulares e cascos simétricos, e uma altura inferior à 1,60 metros. Após ser feita uma revisão bibliográfica dessas temáticas, foi realizada a coleta dos dados, com três psicólogas que trabalham mais comumente com crianças portadoras do Transtorno do Espectro Autista em parceria com a equoterapia; duas dessas psicólogas seguem a abordagem psicanalítica, e uma a comportamental. A entrevista elaborada visa identificar a importância que o psicólogo atribui ao tratamento com os portadores do Transtorno do Espectro Autista entendendo sua visão sobre a equoterapia nesse processo terapêutico. A partir dos dados coletados na entrevista, se tornou perceptível o funcionamento prático da equoterapia e seus benefícios. De acordo com as psicólogas entrevistadas, foi possível visualizar que a prática da equoterapia traz muitos benefícios ao portador, pois atualmente há uma demanda muito alta. Os portadores do Transtorno do Espectro Autista clássicos possuem uma rotina fixa e a clínica possui um ambiente fechado, não proporcionando condições agradáveis para esses pacientes. Na prática equoterápica o ambiente está em constante transformação, com presença de barulhos como a chuva, o vento, entre outros. Dessa forma o portador adquire maior flexibilidade e aceita as mudanças pelas quais está sendo submetido, e há um progresso significativo na evolução da linguagem. Sobre o período mínimo para aparecer os primeiros resultados percebe-se que cada paciente possui seu universo particular, ou seja, seu próprio tempo. O funcionamento da sessão tem características peculiares, podendo ter uma duração entre 30 minutos à 1 hora, variando da disponibilidade do centro equoterápico. Para a iniciação do tratamento é necessária uma avaliação psicológica própria, sendo permitida a partir de 3 anos de idade. Na primeira sessão ocorre o processo de adaptação, já que nem todos os pacientes montam logo de início. Inicialmente é feito um trabalho de solo, carícias no cavalo, escovar os pêlos, até se tornar possível a familiarização com o animal. Após essa adaptação, o paciente deverá ser capaz de seguir os comandos adquirindo coordenação na montaria. O portador participa de todos os processos envolvidos na prática, como dar banho, alimentar o cavalo e dar-lhe água. É preciso estar atento, pois tem dias em que os portadores do Transtorno do Espectro Autista não aceitam a montaria fazendo-se necessária a alteração da sessão para carícias e cuidados com o animal. Assim, a configuração básica da sessão pode sofrer alterações em seu andamento, pois com tais portadores é importante trabalhar

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM
Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

com a flexibilidade. Foi possível perceber que não há restrição para os pacientes portadores que desejam se utilizar da prática equoterápica, salvo apenas para aqueles que não se adaptarem ao animal por conta de alergias ou oferecerem muita resistência ao contato. Constatou-se que não é necessário um preparo antecipado vindo dos pais; apenas pede-se que os portadores estejam uniformizados durante a sessão. Verificou-se que a equoterapia contribui para o processo de desenvolvimento emocional, por estar ligada à expressão de afetos. Existem os portadores hipossensíveis e hipersensíveis. Os hipersensíveis possuem muita sensibilidade não permitindo qualquer tipo de toque das pessoas, já os hipossensíveis possuem necessidade em se sentir, fato este que ao chegarem no centro pulam de cabeça na caixa de areia ou na terra. Foi possível perceber que todo e qualquer benefício que um portador do Transtorno do Espectro Autista possa adquirir é conquistado com muito esforço e perseverança, pois são avanços muito lentos. Tal pesquisa se enquadra em uma revisão bibliográfica, que contemplará artigos relacionados, juntamente com a pesquisa de campo efetivada, que tem em sua composição entrevistas com psicólogos. Após correlacionar os dados coletados, prevê que se chegue à confirmação de que a prática equoterápica pode contribuir muito no tratamento do Transtorno do Espectro Autista, trazendo diversos benefícios para seu portador, como um melhor desempenho psicomotor e maior relacionamento com as demais pessoas em sua volta.

Palavras-chave: Equoterapia. Transtorno do Espectro Autista. Psicologia. Interdisciplinaridade.

Referências:

AGRIPINO-RAMOS, Cibele Shírlley; SALOMAO, Nádía Maria Ribeiro. Autismo e Síndrome de Down: concepções de profissionais de diferentes áreas. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 19, n. 1, p. 103-114, Mar. 2014. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722014000100012&lng=en&nrm=iso>. access on 07 Oct. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-7372189590010>.

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM
Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

ALVES, Hellen Munique. Corpo e linguagem na equoterapia: uma leitura psicanalítica. 2015. 101 f., il. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

KLIN, Ami. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, São Paulo , v. 28, supl. 1, p. s3-s11, May 2006 . Available from

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462006000500002&lng=en&nrm=iso)

[44462006000500002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462006000500002&lng=en&nrm=iso)>.

access

on 07 Oct. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-44462006000500002>.

PEREIRA, Alessandra; RIESGO, Rudimar S.; WAGNER, Mario B.. Autismo infantil: tradução e validação da Childhood Autism Rating Scale para uso no Brasil. **J. Pediatr. (Rio J.)**, Porto Alegre , v. 84, n. 6, p. 487-494, Dec. 2008 . Available from

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S002175572008000700004&l](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S002175572008000700004&lng=en&nrm=iso)

[ng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S002175572008000700004&lng=en&nrm=iso)>. access on 07 Oct. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0021-75572008000700004>.

ZANON, Regina Basso; BACKES, Bárbara; BOSA, Cleonice Alves. Identificação dos primeiros sintomas do autismo pelos pais. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília , v. 30, n. 1, p. 25-33, Mar. 2014. Available from

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010237722014000100004&l](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010237722014000100004&lng=en&nrm=iso)

[ng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010237722014000100004&lng=en&nrm=iso)>. access on 07 Oct. 2016. [http://dx.doi.org/10.1590/S0102-](http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722014000100004)

[37722014000100004](http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722014000100004).